

SALOMÉ

Por Victor Samuel Gamarra Gaete

É claro que o cheiro da bosta de cachorro lhe incomodava, mas quem era ela dentre suas colegas mães de pets? A doutora considerava-se uma pessoa ética, democrática, humana. Tinha elegido a profissão *por amor* diriam, e realmente, Salomé estava mais para santa do que médica: trabalhava com poucos recursos num dos recônditos do Brasil real, servindo com devoção as próprias crenças inabaláveis; o seu olfato era a única porta de entrada do diabo, os muitos cães vadios que rondavam a unidade de saúde optaram por cagar ao lado de sua sala, tornando o seu trabalho uma prova difícil. Encontrava algum socorro na enfermeira Dirce, que também achava aquilo um absurdo. “Ontem a doutora Fernanda estava atendendo com um vira-latinha no colo. Uma loucura!”. Veja, não é que Salomé não goste de animais ou algo do tipo. “Mas e o paciente não reclamou?” “E como é que vai reclamar, doutora? A Fernanda disse que é porque alegre os pacientes. Mas eu duvido que ela ao menos pergunte se o paciente está gostando do bicho rondando as pernas.” “Eu não entendo esse tanto de cachorro aqui.” “Mas é óbvio! As enfermeiras trazem ração para eles. Qualquer dia desses levamos uma denúncia.” “Ração? E eu achando que só davam sobras de marmita... O pior, Dirce, é o cheiro.” “De cão suado?” “Também. Mas eles fazem cocô lá do lado da minha sala. Olha lá. As meninas estão na entrada com eles. Bom, vou pro trabalho.”. Salomé conseguiu superar o fedor que entrava em sua sala através da concentração nos casos dos pacientes, focava-se no fim do expediente. Seu marido a esperava para um jantar especial, um horizonte que fazia sonhar felicidades futuras. Contudo, ao checar sua agenda sentiu o coração palpitar. Leu baixinho para si mesma como numa oração: *Valéria (Retorno)*. A última paciente da jornada era uma senhora gorda de quase setenta anos, desconfortavelmente afeita a Salomé, e de poucos amigos para o pessoal da unidade. Era conhecida pela sua língua afiada e surtos com as enfermeiras, acionava todas as autoridades quando via uma irregularidade, ver os cachorros certamente a enfureceria. Lembrava-se de como a conquistara na primeira consulta: “Prazer, doutora. Salomé, não é?” “Sim, senhora Valéria.” “Tem um apelido?” “Não tenho.” “Posso te chamar de *doutora Salinha?*”, Valéria avaliou as paredes puídas da sala da médica. “Pode. O que você tem?” “Eu? Desgosto. É muita dor nas costas. Aqui, veja. Mas os médicos não acreditam quando eu falo.” “Médicos não entendem muito bem de dor. Fisioterapeutas sabem bem mais. Possivelmente é fibromialgia.” Os olhos de Valéria brilharam. “Ah! É exatamente o que o meu filho fala. Ele é fisioterapeuta.”. Então a sessão seguiu com reclamações da idosa a respeito dos últimos anos, o plano de saúde porcaria que teve e que perdeu, a porcaria que era o sistema de saúde

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

público; Salomé já era acostumada à frustração de toda a gente. Valéria era particularmente engraçada por esbugalhar os olhos entre as frases, olhava para Salomé desafiadoramente enquanto ela lhe auscultava: “Está tudo belezinha aí, doutora Salinha?”. Salomé notou que o fígado da paciente estava grande e solicitou um exame. Valéria saiu satisfeita e despediu-se convenientemente: “Espero voltar só pra notícia boa, hein, doutora Salinha.”. O problema é que, além do exame de fígado, alguns exames de rotina foram também requeridos, dentre eles hepatite, HIV e sífilis. Valéria tinha sífilis, mas Salomé acreditava que já o tinha há muitos anos, conforme os dados examinados, e que nenhum sintoma tinha se manifestado. Ainda assim, Salomé já imaginava que dar a notícia não seria simples, e pior, lhe tomaria mais do que vinte minutos. “Doutora Salinha!” “Olá, Valéria. Sente-se, por favor.” “Eu trouxe meu marido hoje... Ai, ui. Essa minha dor.” “Como você está?” “Estou impressionada! Acabo de ver uma enfermeira abraçando um cachorro lá fora. É um absurdo.” “Eu também acho. Eu estou com seus exames aqui.” A doutora contou tudo do fígado, Valéria escutou com paciência. “E tem... Mais uma coisa. Como você sabe, pedi alguns outros exames. A sorologia. A sífilis é uma doença muito comum, a maior parte das pessoas têm por muitos anos e nem sabem. O seu exame deu positivo.” “O quê? Mas eu sou limpinha! Eu tiro minha calcinha agora e mostro pra você que não tem nenhum corrimento.” “Eu sei, ouça, como eu disse, as pessoas têm por muitos anos...” “Mas eu sou há dez anos casada com o meu marido! A não ser que esse aí...” Valéria revirou os olhos para cima, soltou um gemido e começou a se debater na cadeira. Salomé assistiu-a escorregando da cadeira de plástico, o marido tentava segurá-la para que não caísse. A médica pensou em como poderia mostrar-se útil de alguma forma naquele surto. Aferir a pressão parecia menos condescendente com os sintomas, demonstraria o norte moral da sua profissão. “Vamos medir a pressão dela, por favor me ajude.”. Valéria se recuperou na cadeira. Salomé disse que estava tudo bem. “E isso, doutora? O que é isso que eu tenho? Esses desmaios, essas convulsões?! É mais alguma coisa?” “Eu acredito que seja... Uma forte emoção. Com a notícia.” “Ah.” “Escuta, tá tudo bem. Eu sei que você é fiel ao seu marido. Ele também sabe, não sabe?” O homem concordou com a cabeça prontamente. “Mas eu quero outro exame, doutora.” “Tudo bem. O resultado provavelmente vai ser o mesmo.” “Eu vou pesquisar sobre na internet.” “Você vai ficar bem, Valéria. Lembre das outras recomendações que fiz, as medicações, o fígado.” “Certo.” Valéria começou a chorar baixinho. Salomé fechou os olhos, suspirou. A última paciente. Já ia-se o trânsito vazio, chegar cedo para o jantar com o marido. “O que é que você tem? O que é que você sente?” “Eu não sei...” “É tristeza?” “Tristeza não! Porque eu temo a Deus... É raiva o que eu sinto.” “Raiva de quê?” “Raiva. É que eu fui na médica do INSS uns anos atrás. Ela estava

com os meus papéis, foi falar com um enfermeiro. Disse assim para ele: essa aí é só mais uma gorda que quer se encostar. Ela voltou para a sala, eu estava bem quietinha. Era como você, bonita, a pele bonita, o cabelo bonito, a roupa bem branca. Branquinha. Eu disse para ela, eu ouvi o que você disse, e ela se fez de sonsa. Eu disse, eu ouvi o que você disse para o enfermeiro, ouvi você dizendo que eu sou só mais uma gorda querendo me encostar. Então ela ficou branca mesmo. Levantei, assim, doutora.” Valéria levantou rapidamente apesar das dores na coluna. Aproximou seu rosto oleoso de Salomé. “Olhei bem assim, pertinho nos olhos dela, eu sentindo o bafo dela, como o seu, e dei um soco na cara dela! Não, doutora Salinha, não precisa ficar com medo. Eu gosto de você. Mas a sua sala tem um cheiro horrível de merda.” “Eu sei.” “É. Pelo menos você sabe. E isso, nesses dias, já é uma grande coisa.” Valéria caminhou para fora da sala de braços dados com o seu marido.